

Estudos de Tradução

Actas de
Congresso Internacional




Universidade da Madeira

Coordenação de
Maria Zina Gonçalves de Abreu
e Marcelino de Castro

Principia

Título

Estudos de Tradução – Actas de Congresso Internacional

Organização e Introdução

Maria Zina Gonçalves de Abreu
Marcelino de Castro

Copyright

© PRINCIPIA, Publicações Universitárias e Científicas
Cascais, Maio, 2003 – 1.ª edição

Design da capa

Maia Moura Design

Composição e Paginação

Xis e Érre, Lda.

Execução Gráfica

Tipografia Peres

ISBN 972-8818-00-9

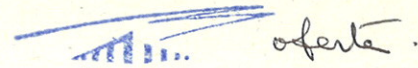
Depósito Legal 192993/03

Principia, Publicações Universitárias e Científicas

Avenida Marques Leal, 21, 2.º — 2765-495 S. João do Estoril

Telefone 214 678 710 • Fax 214 678 719 • e-mail principia@principia.pt • www.principia.pt

82.08
CON EST
EX-1



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Departamento de Estudos Anglisticos e Germanisticos

Universidade da Madeira

Congresso Internacional de Estudos de Tradução
Funchal - 17 a 19 de Abril de 2002

Estudos de Tradução

Actas de Congresso Internacional

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

Organização e Introdução

Maria Zina Gonçalves de Abreu
Marcelino de Castro

 **Principia**
Publicações Universitárias e Científicas

OFERTA

Estudos de Tradução
Actas do Congresso Internacional

A publicação de
Estudos de Tradução – Actas do Congresso Internacional
insere-se no acordo de parceria editorial existente entre a
Principia, Publicações Universitárias e Científicas e a



DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS E GERMANÍSTICOS
Campus Universitário da Pentecada, Piso 1 – 9000-390 Funchal, Portugal
Telef.: 351 291 705 360 • Fax: 351 291 705 379 • e-mail: cddeag@uma.pt

O Espaço-tempo em Português e em Francês

Maria Elisete Almeida

Universidade da Madeira (Portugal)

Abstract

What actually concerns contrastive linguistics are the possible links between the translation subject-matter and language universals. Obviously, if languages were closed systems, as were claimed by some structuralists in the fifties, no translation would be possible. Conversely, if translation is feasible, this is due to the existence of universals of various nature, a way of structuring an ever changing world, i.e. *mutatis mutandis*, from one language into another thus reflecting the workings of human mind.

Amidst those universals, broadly speaking, figure, for example, transfer issues from space structures to time ones. In very many languages known to us, a certain number of terms used to refer to space is embedded in a temporal meaning. This owes to the fact that time is hardly represented for its non-concrete nature.

There is still another issue likely to comprise less overall universals. This is the case of the opposition between closeness and distance, to be found in various languages, apparently corresponding to deeper needs in the human mind. Notwithstanding that such happens, it is in fact in the middle ground between proximity and

distance that languages strongly differ. On the grounds of its illustration, Portuguese and French, seemingly two rather close languages, though extremely opposing concerning their spatial structures, will be offered a parallel analysis together with a display of how both languages resort to certain spatial terms to organize time.

Keywords:

alocutário, deíctico, espaço, linguística contrastiva, tempo, universais da linguagem, universo partilhado.

Embora não seja especialista em tradutologia, interessei-me pelos problemas de tradução, na medida em que eles me conferem elementos de reflexão para a linguística contrastiva. Partilho, nesse aspecto, o ponto de vista de Guillemin-Flescher, quando ela diz (1981: 540): «Il n'existe pas, nous semble-t-il, une théorie de la traduction à proprement parler. Il existe, par contre, des problèmes de linguistique contrastive, qui peuvent donner lieu à une recherche valable (...) c'est en tant qu'approche à ces problèmes que la recherche en traduction nous paraît pleinement justifiée.»

O que interessa ao linguista, são as relações entre a actividade de tradução e os universais da linguagem. É claro que, se as línguas fossem sistemas fechados, totalmente estranhos uns aos outros, como alguns estruturalistas afirmaram nos anos cinquenta, nenhuma tradução seria possível. Inversamente, se a tradução é possível é porque existem universais, uma forma de estruturação do mundo que se encontra *mutatis mutandis* de uma língua para outra e que reflecte o funcionamento do espírito humano. Ao que parece, há vários tipos de universais embora eles não possuam o mesmo grau de generalidade.

De entre os universais de sentido pleno, aquilo a que Garnier (1985: 443) chama, na sequência de Guillaume, os «inévitables de la pensée commune», podemos citar o *transfert* da organização do espaço para a organização do tempo. Em todas as línguas que conhecemos, um certo número de termos utilizados para construir o espaço, é reempregado com sentido temporal. Isso deriva do facto de o tempo ser de difícil representação directa devido ao seu carácter invisível. Da mesma maneira que os quadrantes solares e os relógios realizam uma projecção do tempo no espaço, também as línguas utilizam termos espaciais para representar o tempo, em nome dum princípio ainda mais universal, que é servir-se do visível para traduzir o invisível.

Há ainda aquilo a que podemos chamar universais de menor generalidade. É o caso da oposição próximo/longínquo, que encontramos em muitas línguas, dado que ela parece corresponder a uma profunda necessidade do nosso espírito. Toda-

via, embora isto aconteça, entre o próximo e o longínquo existem intermediários e é aí que as línguas mais se diferenciam. Para ilustrar este aspecto, vamos colocar em paralelo o português e o francês, duas línguas tão próximas, e que, no entanto, estão nos antípodas uma da outra no tocante à organização do espaço.

Começaremos por expor a estruturação do espaço em português e em francês, e, num segundo momento, veremos como as duas línguas reutilizam certos termos espaciais para organizar o tempo.

1. A estruturação do espaço em português e em francês

Diz-se, muitas vezes, que, em francês, há uma deíxis ternária: *ici/là/là-bas*. Essa representação tradicional encontra-se ainda em Kerbrat-orechionni (1980: 45). Na verdade, as coisas não são assim tão simples. *Ici* não se limita ao lugar do enunciador, engloba, sim, um espaço mais vasto. Direi, por exemplo: *Ici à Madère, on construit beaucoup* e não *Là à Madère (...)*. Em contrapartida, o locutor francês responderá à pergunta: *Où est-tu?* pela afirmação: *Je suis là* . Este exemplo mostra-nos que *ici* é muitas vezes mais englobante que *là* : Recorde-se um enunciado dum colega de Grenoble que partilhava o gabinete com o Professor Michel Maillard e que respondeu assim à pergunta dum estudante, admirada de não o encontrar no tal gabinete: *M. Maillard n'est pas là?* Resposta: *Il n'est pas là mais il doit être ici, cherchez dans l'Université* .

Semelhante situação é impensável em português, uma vez que *lá* nunca pode designar o lugar do locutor ou o do alocutário, mas apenas o sítio onde nem um nem outro se encontram.

Como em francês *Je suis là* e *Tu es là* significam, respectivamente, «Eu estou presente neste lugar» e «Tu estás presente neste lugar», e como, em contrapartida, em português, *lá* designa um lugar do qual ambos estão ausentes, há frequentes equívocos na conversa entre lusófonos e francófonos. É testemunho disso este diálogo de surdos entre um professor e um estudante:

- Êtes-vous **là** à Noël?
- Oui, je suis **là**.
- Montrez-moi votre travail de thèse dès le début de janvier.
- Non, je ne peux pas puisque je serai au Portugal.
- Ah je croyais que vous étiez **là**.
- Mais oui je serai **là**, je serai au Portugal.

O problema que se coloca é que, para o francófono, *là* significa *aqui*, ao passo que, para o lusófono, *lá* corresponde a *là-bas*. A interferência é tanto maior que os dois morfemas assemelham-se como dois irmãos gêmeos, tanto na pronúncia como na escrita, sendo a única diferença o acento grave em francês e o agudo em português.

Na realidade, em francês, a deíxis é binária já que *ici* e *là* indicam os lugares em que se encontram o locutor e o alocutário. Há apenas um sítio que os exclui a ambos, e esse, é designado por *là-bas*. A única incompatibilidade é a de *Je* e *là-bas* no momento presente. É impossível dizer-se *Je suis là-bas*, atribuindo ao presente um sentido actual, donde a piada habitual: — *Va voir là-bas si j'y suis*. Na verdade, é possível utilizar *Je suis là-bas*, mas exclusivamente num contexto futuro: *La semaine prochaine je suis là-bas*.

O mesmo acontece, aliás, em português: *Na próxima semana estou lá*, com o sentido de *Na próxima semana estarei lá*. Acrescente-se que, na oralidade, o primeiro enunciado é muito mais frequente do que o segundo, pelo facto de o futuro do indicativo estar em regressão e cada vez a ser mais substituído por um presente com valor de futuro.

Desta confrontação resulta que *Estou lá* recebe, necessariamente, uma interpretação futura ao passo que *Je suis là* assume o valor de presente, excepto se um complemento de tempo impuser uma leitura futura: *Je suis là dimanche prochain*.

Em português, embora *aqui* se oponha a *lá*, não significa que o deíctico de lugar proximal indique unicamente o lugar preciso em que se situa o enunciador. É verdade que, em muitos casos, *aqui* designa um vasto espaço em que o locutor se encontra, mas que pode englobar o alocutário e mesmo um sem número de ausentes da comunicação. Acontece assim com a expressão: *Aqui na Madeira, temos neve nas montanhas*. → *Ici à Madère, nous avons de la neige en montagne*. Se reflectirmos, *aqui* e *ici* têm propriedades comuns, como seja a de representar toda a região em que o enunciador se encontra.

Quanto ao sítio preciso em que o locutor se encontra, é muitas vezes implícito. Quando o francês diz *Je suis là*, o português limita-se a dizer *Estou*. Ao contrário do verbo *être*, que tem necessidade de ser completado, quer por um atributo quer por um complemento de lugar, o verbo *estar* pode bastar-se a si próprio e compreende, de forma implícita, a indicação do lugar que corresponde ao processo.

Se é verdade que o advérbio *aqui* é mais englobante do que aquilo que se pensa, *cá* parece mais estritamente associado ao enunciador. É verdade que, em muitos casos, se eu disser *Vem cá*, isso significa efectivamente, em francês: «Viens près de moi qui te parle». E, nesta posição, *aqui* pode funcionar em concorrência com *cá*: *Vem/anda aqui*.

Poder-se-ia crer que os dois deicticos de lugar são estritamente equivalentes, mas sabe-se que, nas línguas, não há sinónimos absolutos, nem duplo emprego. É testemunho disso uma canção portuguesa dos anos sessenta que canta a saudade dos portugueses emigrados em Paris, intitulada: *Aqui não é a minha terra*. Impossível utilizar *cá* em tal contexto, dado que este designa precisamente a minha terra, a terra onde tenho as minhas raízes. A este propósito, se um madeirense disser *Cá na Madeira*, o que é raro, a julgar pelo que ouvimos, há pleonasma.

Numa língua tudo funciona por oposição e *cá* opõe-se preferencialmente a *lá*: *Cá está quente, lá está frio*. Esta fórmula pode significar: *Aqui na Madeira o tempo está quente, lá no continente está frio*.

Existem igualmente contextos de oposição pertinente entre *cá* e *aquí*. Sobre isso podemos citar um cartaz afixado num hotel da cadeia Ibis, no Algarve: *Estamos cá para que se sinta bem aquí*. A tradução francesa dará inesperadamente: *Nous sommes là pour que vous vous sentiez bien ici*. Em francês, *là* marca a presença e uma presença atenta, razão pela qual quando alguém está distraído e absorto nos seus pensamentos, se lhe possa dizer: *Tu n'es plus là!* Por conseguinte, o advérbio francês que traduz o cartaz exprime a solicitude do pessoal hoteleiro em relação aos hóspedes de passagem.

Em português, a nuance é um pouco diferente. Está subjacente a ideia de solicitude, mas *cá* marca, sobretudo, que o pessoal está disponível, *em permanência* para atender aos pedidos dos clientes.

O sentido sugerido é o mesmo, a saber, que os turistas serão bem recebidos, mas a ideia de qualidade do serviço exprime-se através de meios gramaticais diferentes: *cá*, insistindo essencialmente na permanência e *lá*, valorizando a presença e a qualidade da escuta.

Mas a estruturação do espaço em português não acaba aqui, dado que há um lugar específico do alocutário traduzido pelo morfema *aí*, lugar que não existe em francês, uma vez que esta língua não possui um marcador deictico especial afecto à posição ocupada pelo alocutário. Onde o português diz: *Que estás aí a fazer?* O francês dirá: *Qu'est-ce que tu fais là?*

O francês confunde de tal maneira o meu lugar com o teu que não hesita em dizer: *Je viens chez toi demain*, não ocupando, nesse momento, o espaço a que se refere, o que é, perfeitamente, impensável em português. Mesmo em contextos mais simples, quando o português diz, *Já vou*, o francês dirá, *Je viens*, como se ele se transportasse pela imaginação para o sítio ocupado pelo outro. Como se ele se visse chegar ao local ocupado pelo seu destinatário. Aliás, na mesma situação, ele diz, frequentemente, *j'arrive*. Não há dúvida que a utilização dum mesmo *là* para os dois espaços facilitou a sua assimilação.

No que toca a locais distantes, o português dispõe de todo um leque de formas, onde o francês possui, apenas, o marcador *là-bas*.

Em oposição ao *lá* português, relacionado com a localização dos ausentes, *ali*, *acolá*, *além*, indicam sítios longínquos, mas visíveis. O mais empregado dos três é, seguramente, *ali*, ligado à posição de terceiros: *ele(s)/ela(s)*. Designa, muitas vezes, um lugar visível para os dois interlocutores, embora, frequentemente também, um local que não se vê, mas é conhecido de ambos. Trata-se, aqui, dum universo partilhado. Quanto a *acolá*, não tem grande rendimento deíctico, embora seja mais utilizado na Madeira do que no continente. Outra diferença: *ali* emprega-se, muitas vezes, isoladamente, ao passo que *acolá* tem mais tendência em fazer-se acompanhar dum complemento do género: *acolá ao fundo*, *acolá em baixo*, *acolá em cima*. Enquanto forma composta feita a partir de *lá*, partilha com ele um certo número de empregos. Assim, podemos contentar-nos em dizer: *lá ao fundo*, *lá em baixo*, *lá em cima*.

Em todos estes casos, o francês tem tendência a utilizar *là-bas*. Até se ouve, por vezes, esta expressão curiosa para um estrangeiro: *là-bas en haut*, o que prova que *bas* perdeu o seu sema de posição baixa para designar apenas afastamento.

Todos estes deícticos, tanto em francês como em português, podem estar associados a um movimento. Em francês, recorre-se, nesse caso, à preposição *par*: *par ici*, *par là*, *par là-bas*.

Ici é, muitas vezes, associado a um movimento centrípeto: *Il vient souvent par ici*, ao passo que *par là* está, sobretudo, ligado a um movimento centrífugo: *C'est par là qu'on sort*. Mas isto nada tem de absoluto, visto que *là* é muito mais frequente do que *ici*. O que também significa que *là* é mais popular e *ici* mais requintado e que, para além do seu valor deíctico, estes termos possuem ainda uma conotação sócio-cultural diferente.

Em português, não há deícticos requintados e deícticos populares. Todos pertencem ao bem comum. Simplesmente, são utilizados com maior frequência na conversação familiar do que nos textos escritos, a menos que se trate dum romancista que pretenda aproximar-se da linguagem falada, como é o caso, por exemplo, do escritor madeirense Horácio Bento Gouveia.

À preposição *par* do francês corresponde, em português, a preposição *por*, que se combina com os principais deícticos, sendo os mais frequentes: *por aqui*, *por ali*, que funcionam, sobretudo, em situação real de comunicação, enquanto que *por lá* se emprega fora da situação e em anáfora.

Observemos, em primeiro lugar, o emprego de *por aqui*. Suponhamos que alguém se encontra numa loja e pede ao comerciante para preparar-lhe um embrulho.

Dirá, por exemplo: – *Volto a passar **por aqui** quando sair do trabalho*. Na mesma situação, em francês, a pessoa poderá dizer: *En sortant du travail, je repasserai **par là** ou **par ici***, consoante a pessoa fale de forma vulgar ou requintada. Acrescente-se, todavia, que ela pode dizer, simplesmente, *je passerai*, dado que está em situação real de comunicação.

Quanto à expressão *por ali*, emprega-se muito para ensinar o caminho a quem o procure. Se um transeunte perguntar onde fica a Universidade da Madeira, poderemos responder, indicando-lhe o caminho: *A Universidade da Madeira é **por ali***. → *L'Université de Madère, c'est **par là***. Se a pessoa utilizar um francês requintado, poderá igualmente dizer: *L'Université de Madère, c'est **par ici***.

Para terminar, atente-se no uso da expressão deíctica, *por lá*. Imagine-se, por exemplo uma dona de casa que pede ao marido para passar no supermercado para comprar arroz. Este poderá responder-lhe: *Quando sair, passo **por lá***. Neste contexto, o francês dirá, uma vez mais, *par là*, mas *par ici* está totalmente fora de causa.

Em suma, *par là* pode empregar-se em todos os casos, enquanto que o emprego de *par ici* está sujeito a normas de tipo espacial e sócio-cultural.

O problema é, pois, passar do francês para o português e os francófonos que aprendem a nossa língua experimentam enormes dificuldades no início, em virtude de terem que estruturar um espaço com o qual não estão habituados a organizar-se.

E tanto mais que *par lá* pode ainda, nalguns casos, corresponder a *para lá*. É o que acontece com a expressão lexicalizada: *para cá para lá* cujo equivalente francês é: *par ci par là*.

Em português, nós distinguimos: *Vim **por aqui***. *Vim **para aqui***. *Vim **aqui***. Em francês, vamos traduzir, no primeiro caso: *Je suis venu **par ici** ou **par là***, mas nos outros dois exemplos, o francês não distingue e dirá, consoante o nível de língua: *Je suis venu **ici** ou Je suis venu **là***.

O uso de *para* possui uma implicação temporal difícil de traduzir em francês: a ideia de que se veio para uma estadia bastante longa, que se veio para ficar. É o que se passa neste extracto de *Canga*, da pág. 78: – *Estava fraca e vim **para aqui** retemperar-me*. → *J'étais faible et je suis venue **là/ici** pour reprendre des forces*. A utilização de *para* com os deícticos espaciais vai permitir-nos fazer a transição para o emprego temporal dos advérbios de lugar. O uso da preposição *para* implica, com efeito, nesta situação, uma deslocação programada com uma longa estadia, e, por vezes, muita longa até lá chegar. Alguém que habite no continente e que passe uns dias na Madeira poderá dizer: *Amanhã volto **para lá***. Mas se permaneceu uma temporada na ilha poderá também dizer: *Vim **para aqui** retemperar-me*, como no exemplo que vimos há pouco. Neste caso, o fran-

cês não dispõe de nenhum meio gramatical para fazer sentir a duração da estadia. Se for necessário precisar, o francês utilizará uma perífrase: *Je suis venu passer quelques jours ici*. Uma vez mais, a dificuldade é a passagem do francês para o português, dado que o que permanece implícito na primeira língua deve ser explicitado na segunda.

Após esta transição, vejamos, agora, o problema do emprego temporal dos deícticos espaciais.

2. Emprego temporal dos deícticos espaciais

Vamos começar pelo emprego temporal do deíctico proximal *aqui*. Verificamos que ele nunca assume isoladamente um sentido temporal, recorrendo sempre à ajuda duma preposição, que tanto pode ser *até* como *de*.

Abordemos o primeiro caso através dum exemplo da actualidade: **Até aqui** manteve-se no partido sem alterar a sua linha política. → **Jusqu'ici** il s'est maintenu dans le parti sans changer d'orientation politique. Em francês, *jusqu'ici* é mais leve do que a expressão puramente temporal *jusqu'à maintenant*, tanto mais que *jusqu'à maintenant il s'est maintenu* é um enunciado cacofónico. De igual modo, em português, *até aqui* é um pouco mais económico do que *até agora* e ninguém se engana na interpretação temporal do deíctico espacial *aqui/ici*, devido à íntima ligação de ambos com o *hic et nunc*.

Se o instante presente não for considerado como um ponto de chegada, mas como um ponto de partida, o português vai utilizar a combinação *de + aqui*. Assim, podemos ler, em *Torna-Viagem*, pág. 159: **Daqui** por mais algum tempo vamos de vez para a nossa terra. → **D'ici** quelque temps nous allons retourner définitivement dans notre pays. Neste contexto, a utilização temporal de *aqui* é claramente manifesta, uma vez que a palavra tempo está presente na mesma frase. Para além disso, o recurso à preposição *para* confirma o que já dissemos a propósito da extensão da estadia implicada por esse morfema. A preposição *para* marca ao mesmo tempo 'um movimento em direcção a' e 'o projecto de se estabelecer de forma duradoura no local de chegada'. Esta dupla ideia está ausente da preposição francesa *dans*, que não indica nem movimento nem duração da estadia. Todavia, através doutras marcas, graças ao prefixo *re-* de *retourner*, podemos obter o mesmo efeito de sentido de retorno ao país natal. Logo, o tradutor recupera *a priori* o que perderia *a posteriori*.

A preposição *de* é igualmente combinável com *lá* para indicar um ponto de partida que não coincide com o *hic et nunc* da enunciação. Assim, um político,

acabado de eleger, que tenha herdado uma situação financeira catastrófica poderá declarar: *Estamos no ponto zero e é de lá que vamos partir*; → *Nous en sommes au point zéro et c'est de là que nous allons partir*. O ponto zero marca evidentemente o presente, ou mais exactamente uma situação presente que vai manter-se ainda durante algum tempo, daí o recurso ao deíctico distal *lá*, que marca o momento futuro do novo arranque da economia.

Vamos completar esta alusão recorrendo à preposição *até*, que, empregada com *lá*, indica um ponto de chegada diferente do momento presente: *Até lá temos que apertar o cinto*. → *Jusque-là il faut se serrer la ceinture*. Na expectativa desse momento futuro, que esperamos tão próximo quanto possível, vamos ter que fazer alguns sacrifícios.

Conclusão

Em conclusão, podemos afirmar que a organização espacial do português é infinitamente mais rica e complexa do que a do francês, o que pode talvez explicar-se, em parte, pela História do nosso país. De facto, os portugueses estão de tal maneira ligados à sua terra natal que, apesar de terem, muitas vezes, de abandoná-la, por razões económicas ou políticas, desenvolveram o sentimento de *saudade*, que é inseparável do espaço-tempo na lusofonia. Se, desse ponto de vista, o francês e o português são bastante diferentes, dada a menor diáspora por parte dos gauleses, em contrapartida, o *transfert* de termos espaciais no domínio temporal funciona tanto em francês como em português, uma vez que esse é um dos grandes universais da linguagem.

Bibliografia

- AGUIAR, João (1998), *O Dragão de Fumo*, Porto, Asa Editores.
- ALMEIDA, Maria Elisete (2000), *La Deixis en portugais et en français*, Louvain-Paris, Peeters.
- BENTO de GOUVEIA, Horácio (1975), *Canga*, Coimbra, Coimbra Editora.
- BENTO de GOUVEIA, Horácio (1979), *Torna-Viagem*, Coimbra, Coimbra Editora.
- GUILLEMIN-FLIESCHER, J. (1981), *Syntaxe comparée du français et de l'anglais. Problèmes de traduction*, GAP: Ophrys.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1980), *L'Énonciation de la subjectivité dans le lan-*

- gage, Paris, Armand Colin.
- MAGALHÃES, Francisco José (1996), *Da Tradução Profissional em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri.
- RIEGEL, Martin & al. (1994), *Grammaire méthodique du français*, Paris, PUF.
- WEINRICH, Harold (1964), *Tempus*, Stuttgart, Verlag Kohlhammer, trad. fr., (1973), *Le temps*, Paris, Seuil.
- VILELA, Mário (1994), *Tradução e análise contrastiva: Teoria e aplicação*, Lisboa, Caminho.